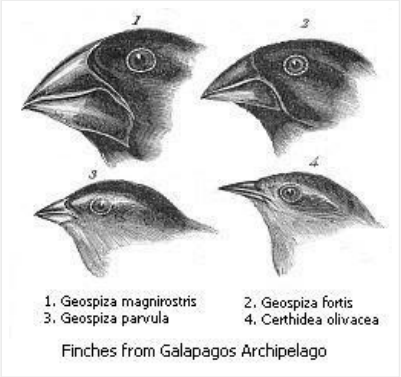
Contra Impugnantes

Espaço destinado a combater a insidiosa e multiforme cultura liberal, que tem entre as suas raízes mais daninhas: uma falaciosa noção de liberdade humana; a idolatria — implícita ou explícita — da consciência individual; a separação entre natureza e moral; a contraposição entre Estado e indivíduo; a dissolução da Religião em categorias morais sem fundamento metafísico; a perda da noção de bem comum político.

segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012

A metafísica contra a teoria da evolução (III): incompatibilidade entre fim e meios



(continuação deste texto)

Sidney Silveira

A anterioridade da metafísica com relação às demais ciências não é evidentemente cronológica, mas sim *ontológica* e, em certo sentido, *topológica*, na medida em que os seus princípios servem de ponto comum para as ciências de menor grau de abstração da matéria. Neste contexto, a física, que aborda o ente na perspectiva do movimento, do trânsito da potência ao ato, pode no máximo alcançar em seus cálculos, teses, premissas, hipóteses ou teorias aquilo que Santo Tomás chama de *materia secunda*, que é potência para o ser acidental e, portanto, raiz da distinção numérica dos entes, mas não da distinção formal — ou seja, por espécies.

Por sua vez, a *materia prima* informe, enquanto potência primeva na ordem dos entes compostos de matéria e forma, está para além das especulações da física porque a sua cognoscibilidade não radica em evidências passíveis de comprovar-se por experimentos empíricos ou suposições oriundas de cálculos matemáticos, visto que **a *materia prima* não possui quaisquer distinções numéricas ou qualitativas**. A ela, portanto, só se pode chegar por uma abstração de terceiro grau, tipicamente metafísica. E, ainda assim, o conhecimento a seu respeito será por analogia.

Muito menos podem a biologia ou a química, cujo grau de abstração da matéria é inferior ao da física e ao das matemáticas, dar efetiva resposta ao problema da origem das espécies animais (ou seja, da dos entes compostos de matéria e forma animada). As suas teorias, neste tópico específico, jamais passarão de suposições com roupagem científica, e a razão disto é simples: o seu objeto de estudo está *imerso na matéria*. Ora, **quanto mais distante**

AJUDE O TRABALHO DO C.I.

Doar

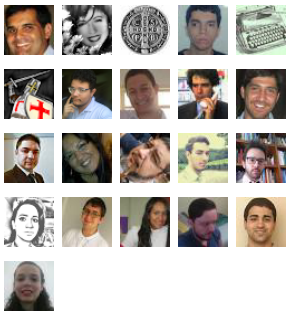
Doar com pagseguro
Sua compra protegida

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
AG: 0174,
OP. 013,
CONTA: 44234-7

VISITE O NOSSO SITE
C.I.

Seguidores

Seguidores (669) Próxima



Seguir

Arquivo do blog

- ► 2017 (3)
- ► 2016 (25)
- ► 2015 (80)
- ► 2014 (149)
- ► 2013 (117)
- ▼ 2012 (156)
  - ► Dezembro (16)
  - ► Novembro (11)
  - ► Outubro (9)
  - ► Setembro (25)
  - ► Agosto (13)

está a causa do efeito atual, maior abstração da matéria se requer para poder investigá-la, e este, em definitivo, não é o caso da biologia no tocante à origem das espécies, pois ela na prática lida com causas ordenadas acidentalmente (*per accidens*), nas quais o efeito comum não depende do influxo atual de todas as causas da série para existir,**[1]** e não com causas ordenadas essencialmente (*per se*), nas quais efeito, para ser e manter-se, precisa do influxo atual de todas as causas da série. Neste contexto, convém frisar o seguinte:

> **Uma ciência que investiga apenas *causas acidentais* não pode, por definição, conhecer a origem da série causal em seu âmbito — ou seja: a causa primeira**.

Não por outra razão, o ramo da biologia consagrado no último quartel do século XX como "biologia evolutiva" padece de uma radical incongruência entre objeto e meios, e, na prática, quando se vêem os seus propugnadores defenderem alguma tese, em geral repleta de dados empíricos agrupados, salta aos olhos que se trata de uma mal-disfarçada espécie de *metafísica evolutiva*, mas sem o menor rigor demonstrativo da verdadeira metafísica, que parte de evidências ancoradas nos primeiros princípios para chegar a conclusões necessárias.

A propósito, a perda do elevado rigor do método metafísico escolástico explica, em parte,**[2]** como pôde uma ciência cujo objeto formal está imerso na matéria dar pareceres, formular hipóteses ou desenvolver teses relativas à origem das espécies, estando a sua própria definição de "espécie" radicada na matéria informada (e, portanto, *materia secunda*). Não se trata, é óbvio, de desqualificar a importantíssima ciência biológica, e sim de apontar o quanto ela transcende indevidamente o seu objeto ao formular uma teoria — em verdade, uma hipótese — para a qual não possui sequer instrumentos científicos e filosóficos apropriados.

Ora, **toda e qualquer ciência supõe que o mundo é inteligível e que é possível conhecer essa inteligibilidade**. Daí que, em qualquer ciência, haja uma pergunta prévia — a ser respondida ao se lhe demarcar o objeto — acerca da demonstrabilidade de suas teses centrais, a qual precisa comprovar-se com todo o rigor. Mas tal pergunta não pode ser respondida senão recorrendo a princípios *anteriores* aos da própria ciência particular. Sem isto, por mais que a observação e o estudo acurado da realidade levem a conclusões topicamente acertadas, eles naufragarão de forma rotunda no momento em que se tentar dar a essas conclusões particulares um caráter de princípio válido universalmente.

Assim, mesmo que a hipótese da evolução se comprovasse apodicticamente — o que, ao final, veremos ser impossível, dada a estrutura da ordem do ser —, isto não lhe autorizaria a concluir, por exemplo, que as espécies animais não foram criadas — entre outras coisas porque o problema da evolução sequer é o mesmo do da criação. Somente uma ignorância suma acerca do que seja propriamente o problema filosófico da criação é capaz de fazer alguém colocá-lo num mesmo plano da hipótese da evolução das espécies. Esta, de tão imersa no materialismo, sequer vislumbra os conceitos de causa final e causa exemplar, e quando o faz é de forma capenga.

É, portanto, absolutamente falsa a dicotomia criação/evolução. A primeira trata de uma questão de cariz metafísico, pois radica no ser; a segunda soçobra no materialismo. E, a respeito do materialista, bem dizia Chesterton com o seu humor típico:

"É o sujeito que faz uso do espírito para dizer que só existe a matéria".

► Julho (16)
► Junho (17)
► Maio (11)
► Abril (2)
► Março (8)
▼ Fevereiro (13)
Adoro te Devote — o hino eucarístico de Santo Tomá...
A conversão e seus frutos
A metafísica contra a teoria da evolução (VII): ai...
"Santo Tomás de Aquino: a Cidade em Ordem a Cristo...
O que ninguém vai lhe contar sobre o comunismo: a ...
A metafísica contra a teoria da evolução (VI): a n...
A metafísica contra a teoria da evolução (V): a cr...
Em breve, a Suma Teológica comentada (questão por ...
O fanático e a filosofia
A metafísica contra a teoria da evolução (IV): a d...
A metafísica contra a teoria da evolução (III): in...
A metafísica contra a teoria da evolução (II): res...
A metafísica contra a teoria da evolução (I)
► Janeiro (15)
► 2011 (198)
► 2010 (174)
► 2009 (225)
► 2008 (164)

Google

(continua)

1- Por exemplo: dando-se a evolução como certa (a mero título de procedimento dialético), é evidente que **a existência atual da espécie *Y* não depende da existência *atual* de todas as espécies anteriores na série que culminou nela**.

2- Das razões de ordem *ideológica* trataremos noutra ocasião.

Postado por Adm. às 10:04

Postagem mais recente Página inicial Postagem mais antiga

Tema Simples. Tecnologia do Blogger.